

O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIODICO SEMANARIO
LITTERARIO, MORAL, CRITICO E RECREATIVO.

Subscriva-se nesta typographia ou na rua da Viração n. 6—à 1000 reis por bimestre (ou 8 numeros.)
A redacção accceita e publica todo e qualquer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes.

O JARDIM DAS MARANHENSES

MARANHÃO, 19 DE SETEMBRO.

—Em primeiro lugar, é de rigoroso dever ao—
JARDIM DAS MARANHENSES—com muito respeito e
arcatamento curvar-se ante o bello sexo e todo rendi-
do beijar essas mássinhas tão bellas, e supplicar-lhes
desculpem a falta que involuntariamente tem commet-
tido. E juntamente com igual respeito aos Srs. Assig-
nantes, pede-lhes que lhe perdoem, attendendo não ser
ello o culpado e sim o Editor, a quem fortes motivos
obrigarão hir ao Interior, porém hoje se acha entre
nós e promete ser pontual como d'antes.

O JARDIM com muita attenção affiança ao bello se-
xo, que choroso andava por não saber noticias do seu
defensor que continuará ainda com mais energia a
combater pelos seus direitos.

—Recomendamos aos nossos leitores a poesia que
abaixo vem estampada da Exma. Sra. D. Maria Firmi-
na dos Reis, distincta litteraria Maranhense,

De coraço agradecemos á S. Exc. pela honra que
dá ao nosso Journal, collab.ando-o.

LITTERATURA

MARIA.

— A NOVA SAPHO —
rannção do mundo

(Conclusão.

NI.

Dentro do peito geme esta alma minha
Lestimada e doida do impio caso,
Do successo cruel, e fim tão triste
Que aqui guardado estava a tal belleza.
Conto Real. Naut. de Sepuly.

Maria, Maria! tão joven, tão linda,
Mas tão malfadada!

Tu victima ingenua do Amor, e do Engano,
Inmórcita nua te foí destinada.

Tu pobre nasceste na humilde morada
De pais virtuosos;

A luz de seus olhos, sau mimo tu eras;
Seus dias cançados fazias ditosos.

Em quanto, ignota és, vivesse em rotto,
Nos lazes paternos crassas dunosa,
Escura, innocente, sensivel, modesta
Beu como no campo florzinha mimosa.

Amaste, ó Maria! que mais dizer posso?
Que n'alma sensivel extrema é amar;
E amor que ameniza, embelleza a existencia,
Mil vezes a encho de horrendo amargor.

Novo Phaoon seu amante
A' Maria abandonou;
Nova Sapho a desgraçada
Em desespero acabou.

Uma trahição constante
Esta historia transmattio,
E sobex essa mostra pedra
Uma alta cruz se erigio.

E dizem que em certos dias
Pouco antes de o Sol se pôr
Ouvias-se lu gemidos
E ais, que causavão pavor,

Um Suio e Casa de campo
Ali se vêem hoje em dia,
E a cruz inda se conserva
Em memoria de Maria.

O' vós, coraçoes sensiveis
Uma lagexima votae
A' memoria da infeliz;
Vendo a cruz e a pedra,—orae!
Icatú—

UM ADEUS

Um—adeus—palavra triste e saadisa que separa
dous coraçoes que se amão, duas almas que se com-
prendem!

Sentença do destino inexoravel, que corta e speran-
ças tão faguezas, que a nua futuraes tão lisongeiras.—
O longevo ancião debruçado sobre seu leito de dor
como corpo tranzido de gellido suor da morte, recos-
ta a cabeça encanada so coraço de filha, que em
breve será orphã, e murmura soluçando um—adeus—
profundo como a dor que o rala, e terno como a vida
que vai g'zar.

Entre este e a filha querida da sua alma, se inter-
põe o eterno silencio do tumulo!

Sobre o alenteado sepul, e vai cado...
 saudade da triste oração e...
 lagrimas encerrão um—adeus—este adeus uma—sau-
 dade—doura como o pungir do remorso, eterno como
 o gemer do oceano.

Uma mãe extremosa, que sentimento não experi-
 menta ao despedir-se de seu filho predilecto, no mo-
 mento-crue! em que a sorte determina a separação?
 Seus labios contractivos pela dor apenas murmurão
 uma—adeus—indefinível e que só Deus sabe compre-
 hender.—Tudo as dores do coração humano se achão
 resumidas n'essa agonia que só uma mãe pode sentir,
 e que se traduz por esta palavra tão simples—adeus—
 Soberois definitivo?

Não, se vossa alma ainda foi depurada no crisol
 dos soffrimentos, de vosso coração ainda virgem, nun-
 ca sentio uma saudade, de vossos labios nunca tocarão
 o calix das amarguras da vida, respeitão apenas esse
 —adeus—pronunciados pelos labios murchos pela dor
 que tambem ja forão rubros e frescos como a flor da
 madrugada; vós não podeis comprehendê-lo, respei-
 tai-o.

—Adeus—é a voz da saudade, o grito do desespero,
 o symbolo da amizade.

—Adeus—é o moribundo ao transportar as umbraes,
 do tumulto, a formosa donzella ao estreitar nos braços
 o idolo de sua alma.

—Adeus—é a vela no seu canto mercenario pou-
 sando sofitaria na cummeada dos tetos e arvores.

E o som fúnebre do bronze latando-se no ne-
 gro campanario tambem diz—adeus.—

E' o—adeus—de alma, ao seu invólucro mortal.

• Setembro. 16 1861. 1861. R.

AO AMANHECER E O POR DO SOL.

Tomai a lira mimosa,
 De festões, a ingrinaldei,
 E puz-lhe cordes de ouro,
 E toas encantos, cantei.

A sombra d'uma mangueira,
 Ao nascer do grato dia,
 A hora em que a natureza,
 Toda respira alegria.

A hora do arvorecer,
 Quem não sente uma affeição?
 Quem não sente uma esperança,
 Nascer-lhe no coração?

Foi n'est'hora, sob a copa
 Da bella, o grata mangueira,
 Que inflorei a grata lira,
 A lira doce e fagueira.

Era a canção, que eu tecia,
 Fructo de eterna saudade;
 O só prasar, que me resta,
 Nesta triste soledade.

Oyando um...
 ou...
 ou...
 ou...

...o...
 Achar na vida primor.

Quando vi teu meigo riso,
 Pelos labios declinar,
 N'um transporte indifinivel,
 Eu me julgava a sonhar.

Quando depois eu te ouvia:
 —« E' meo prasar adorar-te,
 —« De caricias, de desvelos,
 —« Hai de meo asijo, cercarte.

Trepitava então meo peito,
 Meo coração se expandia;
 Era meigo esse momento,
 Tão cheio de poesia.

E fui-se o dia passando,
 Veio a tarde, e a tristeza;
 Murcharam as flores da lira,
 Seccaram de tibieza.

E com a tarde esvaecou-se,
 Minha rissonha esperança;
 Despontou-me amargo pradio,
 Apoz penosa lembrança.

Lancei a lira por terra,
 Já não tinha uma só flor!
 No fundo peito eu sentia,
 Extranha secreta dor.

E veio a noite, eu cahi
 Em meo penoso scismar,
 P'ra que veio uma esperança,
 Meo coração embalar?

P'ra que a lira mimosa
 Tão desvelada inflorai ? ! !
 P'ra que um nome querido
 Ebrui de amor, eu cantei ? ! !

Ah ! esse nome querido
 Murchou-se qual debil flor !
 Esse nome é minha vida,
 Meo grato, meo terno amor.

Agora, nunca mais hai de
 Repetir-o em meo cantar,
 Quero tel-o na minh'alma,
 Quero-o no peito asilar.

Guimarães, M. F. DOS REIS,

A virgem do baile.

Se os teus sorrisos erão sonhos
 P'ra que sorrisites assim ? !

Eu a vi, meu Deus, era virgem formosa
 Tão meiga e donoza d'immense valor.
 Eu li em sua fronte lfo casta tão pura
 Meiga ternura que só diz—amor !

Mutilado

Eu vi de seus lábios brotar um sorriso,
Oh! esse um p'raizo para mim vê-la assim!
Que por esse encanto de terra magia
A vida eu daria por rizes sem fim.

Eu vi em suas faces fingir o rubor
A ouvir do amor—frazo v' preferir.—
Tem puro, innocento, e igno a paixão
Um fiel coração que não sabe mentir.

Seos olhos tão languitos são qual nivea estrella
Luzindo tão bella discreto fulgor
Ai! forão os olhos que onto me prenderão
Em meus pulsos lançarão cadenas d'amor!

Setembro 8—1861. J. B.

ACABOU SE O DINHEIRO.

Trabalhei quarenta dias,
Desceus nul reis ganhei;
Não houve parante pobre,
Todo o dinheiro gastoi.
O dinheiro se sumiu,
E agora amigos! fia! fia!

Quando vi tanto dinheiro
Pensei que tinha um milhão;
Viva a alegria! e agora!
Nam palaca, nem tostão!
Tante de mim! que farei!
Que remedio lhe darei!

Um exercito de amigos
Me depennava sem dó;
Tiraram-me as penas todas,
Fiqui nú e fiquei só!
H-ja só comigo vão
A penas do coração.

Já não tenho mais amigos,
Já ninguém tracta de mim!
Deram fim as amizades
Quando o dinheiro deu fim.
Ten' dinheiro és adorado;
Si o não tens excommungado.

Si por meu pouco dinheiro,
Dirigem-me adulações,
Que seria si eu tivesse
Em vez de vintens milhõas;
Tem um agradável cheiro
Este querido dinheiro!

Muito vale neste mundo
Quem muito dinheiro tem;
Mas quem está como eu agora...
Não vale nem um vintem!
O rico tem alto throno,
E o pobre é cara de mono!

S. Luiz 13 de Setembro
de 1861. AZEVEDO.

Mandamentos das leis das moças.

- 1.º Amar as modas sobre todas as cousas.
- 2.º Não jurar sonã em vão.
- 3.º Guardar os domingos dias santos, e uois, por que todos são dias do santo namoro.
- 4.º Honrar pae e mai em quanto lisongearom seos caprichos.
- 5.º Matar um puto diabo com despresos e desdems, depois de o ter feito romper um par de solas, e entreleto com as mais doces esperanças.
- 6.º Guardar as carinhos que pode pilhar das amigas
- 7.º Fectar o tempo destinado as occupações domesticas para empregalo em frivolidades, intriguinhas, murmuritos etc. etc.
- 8.º Levantar falsos testemunhos ao padecentes que por vir mais taede se—rondez vouts — é arguido de ter estado em tal party, e passato por tal rua.
- 9.º Decejar os namorados alheios, só pela triste vaidade do se ver rodeado de adoradores.
- 10.º Cubicar o vestido da vizinha por ser o do ultimo gosto.

Estes dez mandamentos se encerraõ em dous: com vem a saber:—Coitados dos pais e pobres das mais.

[Extr.]

CHRONICA SEMANARIA

—Muito amaveis leitores do Jardim: eu vos envio muito saudar!... Estareis sem duvida bastante arrufadas comigo pela retrospectiva de vosso predilecto Jardim? Engão! quando eu tambem fui paciente na accão, eu que ja estava morrendo por dar-vos treia, eu que (valha a verdade) ja começava ter ferrugem na lingua! Mas eis que desperta hoje de seu lethargo o Jardim, mais do que nunca bello e florido! e eu em vez de bater nas patas e dizer-vos—mea culpa—vou contar vos segredos que se não fossa o bem que vos quero, o amor que vos tenho, a amizade que vos consagro, e affecto que vos dedico, fi-avizã para sempre sopitudo no silencio do esquecimento.

Inter amicos non habad geringonça:—eis tudo, — prosigamos:

Sem duvida adornastes com vosso amavel presença o bello e pitoresco arrabalde de Sant Iago aonde se celebraro as novenas d' Santa Severa, por isso é desnecessario contar-vos se estivero ou não coocorridas; e que sempre farei por causa de ~~certas~~ moças (não vó leitoras) que não vendo nestes lugare o objecto das suas mais caras affeições, taxaõ immediatamente a festa da monotona, insipita, etc.

E ao Chronista a quem nada disto escapa, despido como é de to las estas frivolidades mundanas, como bom julgador, passa com todo o gusto a fazer um esboço de suas observações.

A festa de Santa Severa pouca influencia teve nos primeiros dias de novenas, attribuindo uns, a escassez da lua, outros a a eia do caminho que impedindo o tranziço, submerge o devoto até a barriga.

ty, uia, poram, o pitoresco lago, possuo em seu
são as dais elegantes e bellas flores que adornão o
aromatico biquil Maranhense!

Oh! quanto invejai nessa noite a famosa penna de
Lamartine, para descrever tudo o que ha de mais bello
sublime e harmonioso! Quanto desejai o precioso pin-
cel de Miguel Ângelo, para retratar a pitoresca scena,
sobre quem a natureza.

Vindó se deazellas ostentando soberbas o diadema
virginal, ora sentadas sob frondozas arvores, apresen-
tando um quadro sublime da raçoa vida pastoril,
ora em turbulento ritmo e falgantib; mas essas rizes só
dizem candura, e esses folguantes expressam—inno-
cencia.—Oh! lá?! como está poetico hoje; nada care-
estra; melhor occasião, vamos agora ao que importa:

Ntuna das noites da novena quando por um força
insizível, ponde aproximar-me sem ser visto a um
circulo do moças, cujas estrepitosas gargalhadas mais
augmentarão-me a curiosidade.

O que seia? pergunto eu cá com os botões, subi-
zin algum balão? Haverá por aqui alguma raize dig-
na da hiraldade das moças? Algum Garibaldi im-
provisado? Mas eis que uma moça toma a palayra,
ouçamos:

V. cá via, D Mariquinha, outro dia no baile aquelle
pobre Pip let como estava desconfiado? Assim mesmo
ainda tinha um pouco de carmin...

Carmin? perguntará as moças. Sim, aquelle que
na—Recreava—livderão na—crua dos quiabos, lha
descobrião, o arrebique das faces!!!

Ah! ah! ah! já sei diz uma das moças; minhas
senhoras é o moço do soneto denominado Carmim,
tambem o mesmo a quem fizeraõ este verso

Fidalgos en-provisados
Que tingem o rosto de carmin,
De collete espartilhados
Pensando—agrar—assim,
Se vivo occiso o pimpas:
Caza de correção.

Bravos, bravos, a poesia exclamarão as moças em
côre, bem, vamos adiante.

Sim replicou a moça não pode haver maior desafo-
ro ou desentramento: fallão de nós, proteião contra
nossos uzos quando dellas se servem muitas vezes para
cabrem no radieub: Apparecerão os nosso balões, já
elles uzando calças desta moda; vierão os garibaldis,
ei-los tambem—garibaldinos—e atrever-se hão tam-
bem a pôr o carmin?! pôr que dá uma m-ça na ul-
tima necessidade, quando vê que o cruzamento tarda,
e o natural não aguenta!! Fôra, fôra com o toto, de-
vemos reunir um congresso, e dar-lha uma sentença;
não achão muitas senhoras?

Approve a lembrança da menina, diz uma Sra. ve-
lha que se achava tambem no centro (cousa infallivel)
porque o homem que se pinta de carmin quando nós
out-as o fazemos por extrema necessidade, deve para
sempre ser banido da sociedade, sentenciado ficar sen-

tado nos bailes, e ser tratado pelos—Braves Mara-
nhenses—na praça publica da cidade.

Achamos pouco, replicarão as m-ças, em fim ama-
nhã reunirnos congresso, e toremos D A por ad-
vogada do réo. Nisto dissolvero-se e ou tomando que-
me vissem, e reverberassem igual sentença a mim,
tratei de retirar-me lamentando o infeliz—quidam t-
carminada o que cabio em taoz nraos.

Morpheo é cananigo. Au revoir.

—PARODIA—

Perguntava um sujeito ao medico
A razão porque occultava a tava
O rosto, e trania quando
No Camarão passava.

Porque muitos d'aquelles (diz elle)
Por minha culpa ali estão,
E se chegou a combecer-me
Ai de mim! ... vingar-se-hão!

Setembro—1861.—1861. J. J. R.

LOGOGRIFO.

Quatro syllabas encerra
Este nome portentoso,
Que já deu bons calafrios,
A um monarcha poderoso.

Primeira e quarta, foi o tronco
Dtumas tribus, quando Deos,
Fallavaos filhos de Adão,
Como não falla hoje aos seos.

A segunda indica gosto,
Praser, affecto, ategria,
Quem te vendo o faz contente,
Sente por ti sympathia.

Terceira, e quarta costem
Em tao collo clara lympha,
Passão pela morada
De formosa, e branca nimpha.

Vêde agora se decifras
O que fico ahí descripto;
Prometto, se o decifrades
Que vereis o nome escripto.

Grimarões crães — MM. F. dos R.

Aviso.

—O «Jardim das Maranhenses» finaliza o seu 3.
bimestre, com o n. 24—por isso rogamos a s
mui dignos assignantes que hajão de continuar a
tar-nos as suas valiosas assignaturas, para que não do
sappareço do campo um defensor do sexo amavel.

MARANHÃO Typ. do — COMMERCIO — de Augusto
cio Nunes Góes — rua da Madre de Deos — 1861